

Desigualdade Reexaminada em Linha de Passe: uma meta-interpretação das desigualdades de oportunidades no Brasil

Samara Mancebo¹

Resumo

O artigo em questão visa fazer uma interpretação das desigualdades de oportunidades no Brasil tomando como objeto de análise a “realidade brasileira” vista através das lentes de Walter Sales e Daniela Thomas em *Linha de Passe*. O filme *Linha de Passe* (2008) retrata, em primeiro plano, a realidade de uma família moradora da periferia de São Paulo composta por uma empregada doméstica e seus cinco filhos, compondo um cenário de desigualdades bastante próximo àquele visto nos morros e asfaltos Brasileiros afora.

O filme é analisado dentro de uma chave interpretativa específica, tomando a argumentação de Amartya Sen sobre as desigualdades de oportunidades, desenvolvida em *A Desigualdade Reexaminada* (2001), como eixo de análise.

O espaço escolhido para interpretação das desigualdades é aquele relativo ao da liberdade de escolha. Interessar-nos-á, portanto, pensar no quão igual ou desigual é o exercício dessa liberdade no Brasil, de que maneira essa discussão dialoga com as desigualdades de oportunidades e como isso pode ser percebido no filme de Sales e Thomas.

Palavras-chave: Liberdade de escolha, desigualdade de oportunidades, funcionamentos, capacitações, realizações.

Abstract

The article in question intend to make an interpretation of inequalities of opportunities in Brazil taking the “Brazilian reality” seen through the lenses of Walter Sales and Daniela Thomas, at *Linha de Passe*, as object of analyses. The movie shows, the reality of a family, composed by a maid and their five children, living in Sao Paulo’s periphery, making up a scenario of inequalities close to the reality that is seen in the favelas and asphalt of Brazil.

The movie is analyzed within a specific interpretative key, that takes the argument of Amartya Sen on inequality of opportunity, developed in *A Desigualdade Reexaminada* (2001), as the analysis axes.

The area, of inequalities, chosen for interpretation is related to freedom of choice. Therefore, interest us, to think about how equal or unequal is the exercise of that freedom in Brazil, in which way this debate argues with inequalities of opportunity and how it can be perceived in the movie of Sales and Thomas.

Key words: Freedom of choice, inequality of opportunity, functionings, capability, achievements.

¹ Mestra em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2007) e Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ.

Tratar do tema das desigualdades sociais no Brasil, ou mesmo em qualquer outro lugar, é sempre algo que exige muito cuidado. Isto porque há várias matrizes teóricas de onde se pode partir e, sobretudo, porque ela pode ser lida, interpretada dentro de variados “espaços”.

O debate sobre as desigualdades, como já apontado por vários autores com Solera (2005), por exemplo, pode ser desenvolvido utilizando-se de alguns pares de conceitos – não necessariamente antinômicos, cabe ressaltar – como: a questão da *gênese* e da *mimese*, que abarca uma discussão entre as origens das desigualdades, se naturais ou sociais; *diferenças* e *desigualdades*, que trata de uma temática muito importante, a saber, não tratar necessariamente as diferenças como desigualdades e, ao pensar nesta questão, buscar compreender quais diferenças são passíveis de se transformarem em desigualdades e por que o são; *oportunidades* e *resultados*, que diz respeito a se o estudo das desigualdades estará focado nas desigualdades de oportunidades ou na de resultados; *rendas* e *capacidades*, que implica a escolha da variável renda ou capacidade como elementos prioritariamente causais das desigualdades; *equidade* e *liberdade*, que implica pensar as desigualdades mediante conciliação possível entre as referidas noções, e não mais como pares antitéticos; *produtividade* e *sustentabilidade*, que abarca o problema da conciliação entre os interesses presentes e futuros e suas implicações para as desigualdades sociais; e por fim, fechando o ciclo de alguns dos mais expressivos binômios adotados para discutir as desigualdades (Solera, 2005), temos a questão da *produção* e *distribuição*, da qual parte-se da escolha de um dos espaços para entender a origem das desigualdades e de que campo devem partir os incentivos para sua minimização e promoção do bem-estar.

Dentre as noções elencadas acima, cabe salientar que ao fazer nossa análise das desigualdades no Brasil, focaremos nas desigualdades de oportunidades, valorizando a igualdade no *espaço* da liberdade de escolha, isto é, das capacidades. No entanto, faz-se necessário explicitar qual será efetivamente o objeto de estudo a ser analisado com base no espaço referido acima e, sobretudo, a matriz teórica que guiará mais de perto a trajetória seguida neste trabalho.

Partir-se-á, neste artigo, da argumentação de Amartya Sen (2001) sobre as desigualdades, a qual, como o próprio autor evidencia, recebe influência das matrizes teóricas rawlsiana e utilitarista. Neste seu reexame das desigualdades Sen procura desenvolver um diálogo entre a teoria rawlsiana da justiça e a questão do bem-estar, focando nos conceitos de capacidades e funcionamentos para melhor entender as desigualdades.

Uma vez citada nossa influência teórica e o espaço escolhido para pensar as desigualdades, torna-se necessário esclarecer que não tomaremos como objeto de análise índices de desigualdades ou situações específicas do “real”. Partiremos, no entanto, de uma meta-interpretação, uma interpretação da interpretação da “realidade” brasileira feita por Walter Sales e Daniela Thomas em *Linha de Passe*. O filme, de 2008, que ainda pode ser visto nas salas de cinema de algumas cidades brasileiras como São Paulo, onde se passa a trama, retrata, em primeiro plano, a realidade de uma família moradora da periferia da

cidade composta pela empregada doméstica Cleusa e seus cinco filhos: Dinho, o “atleta de cristo”; Denis, o motoboy; Dario, o “craque”; Reginaldo, “o sem pai”; e, por fim, “o do baile”, o bebê que Cleusa espera, cujo pai também é desconhecido e que, segundo o filho mais novo, Reginaldo, foi concebido em um baile. Em segundo plano, temos a patroa médica de Cleusa e seu filho Bruno, cujo “negócio”, segundo Cleusa, não é o futebol, mas os estudos. Compõem também o elenco da trama o patrão de Dinho no posto de gasolina, o pastor da igreja que ele frequenta, a namorada e a mãe do filho de Denis, o “treinador” de Dario, bem como vários outros personagens que contribuem para compor um cenário de desigualdades bastante aproximado daquilo que transcende a tela do cinema e pode ser visto nos morros e asfaltos Brasília fora.

Como fora dito acima, a desigualdade a ser enfocada aqui será a de oportunidades, tomando como espaço de análise aquele relativo ao da liberdade de escolha. Interessar-nos-á, portanto, pensar no quão igual ou desigual é o exercício dessa liberdade no Brasil, de que maneira essa discussão dialoga com as desigualdades de oportunidades e como isso pode ser percebido no filme de Sales e Thomas.

Cabe, de imediato, desenvolver um pouco da argumentação de Sen acerca das desigualdades, sobre a importância do ideal normativo da igualdade, destacando e definindo seus conceitos basilares para só então aplicá-los ao cenário de Linha de Passe, um recorte primoroso da sociedade brasileira.

Em *Desigualdade Reexaminada* (2001) Sen afirma que em filosofia política e política econômica sempre, de uma forma ou de outra, defende-se a igualdade, assumindo esta a função de um ideal normativo. Segundo o autor, “toda teoria normativa do ordenamento social que tenha afinal resistido ao teste do tempo parece exigir a igualdade de algo” (Sen, 2001, p. 43), e mesmo teorias divergentes, vindas de matrizes teóricas diferentes, se assemelham por sempre reivindicar a igualdade nalgum espaço, isto é, mesmo aqueles que parecem ir contra o argumento da igualdade (como Nozick, por exemplo), a defendem em algum espaço, considerado este central para a referida teoria. A pergunta que salta desta afirmação é a que costura toda a argumentação do autor neste livro, a saber, que sempre que se for tratar e/ou defender a igualdade, deve-se, primeiramente, recorrer à pergunta “*igualdade de quê?*”, ou, igualdade em que espaço? Isso porque há vários espaços nos quais a igualdade pode existir e, de acordo com o autor, igualdade em um determinado espaço não significa, necessariamente, igualdade em outros espaços. Em resposta ao seu próprio questionamento, no caso, “*o que deve afinal ser igualado?*”, Sen afirma que são as *capacidades*; elas é que devem ser igualadas.

Uma vez que o autor está interessado no estudo das desigualdades, em entendê-las, recorre a esta discussão sobre o que precisa ser igualado – sobre o que dever compor a igualdade basal da sociedade – para que sejam maximizadas as chances efetivas de diminuir as desigualdades em outros espaços. Mas, é preciso focar também de que tipo de desigualdades Sen está falando. O autor salienta que há duas perspectivas comuns para se tratar da questão do igualitarismo, ou para tentar medir as desigualdades, a saber, a

perspectiva da igualdade de oportunidades e a da igualdade de resultados. No que diz respeito à igualdade de oportunidades, o que sustenta esta teoria é a defesa de que os indivíduos devem ser compensados por determinadas desigualdades por que são acometidos, de modo a que consigam seguir com suas vidas e usufruir de certa igualdade para realizar o que valorizam.

E quando Sen defende que o que precisa ser igualado são as capacidades, ele está trabalhando dentro desta mesma chave dos “igualitaristas de oportunidades”. Isto porque a noção de capacidade está diretamente relacionada à perspectiva da igualdade de oportunidades, na medida em que toma a liberdade substantiva que os indivíduos têm para realizar *funcionamentos*, de modo que possam atingir os objetivos que valorizam e traçaram para si. As capacidades representam, portanto, as oportunidades reais que os indivíduos dispõem para alcançar os objetivos traçados que, por sua vez, estão relacionados à busca do bem-estar. Em outras palavras, são os “poderes” que os indivíduos têm para fazer ou deixar de fazer algo, os quais envolvem bem mais do que a disponibilidade ou não de renda. E dessa forma, ao não elencar apenas a renda (recursos / bens primários) como variável para alcançar o bem-estar, Sen se afasta dos utilitaristas.

Na economia tradicional, quando se fala em bem-estar fala-se em domínio de certos bens e serviços que, por sua vez, estão relacionados à renda ou pacote orçamentário que este indivíduo dispõe para consumir determinados bens e serviços. Entretanto, Sen afirma que, muito embora a renda seja um componente para se alcançar o bem-estar, este não pode ser medido, concebido, apenas como produto da renda. O bem-estar deve ser avaliado também de acordo com as *circunstâncias individuais* que contemplam características como idade, sexo, saúde, propensão a doenças, talentos, deficiências etc., assim como as *circunstâncias sociais* que contemplam a estrutura das famílias, as condições de saneamento a que estão submetidos, a acessibilidade à previdência, ao meio ambiente em que vivem, a incidência de crimes, a preconceitos etc., ambos os conceitos – circunstâncias individuais e sociais – podem ser tomados como funcionamentos, ou mesmo como *conjunto capacitório*, na acepção de Sen. As variações nessas circunstâncias sociais implicam maior ou menor oportunidade de realizar funcionamentos, ou seja, os objetivos que os indivíduos entendem como valiosos.

Trocando em miúdos, esta discussão levada a cabo por Sen, que elenca a capacidade como importante para o cálculo do bem-estar, se distancia do utilitarismo e também do welfarismo, na medida em que estes tomam como objetos de valor para medir o bem-estar a renda para consumo de bens e serviços, a riqueza, os recursos, as liberdades formais ou bens primários, delineando-se quase que uma relação direta entre renda, consumo e satisfação, ao passo que Sen toma as capacidades que compreendem os “estados” e “ações” dos indivíduos como tendo valor por si próprios, e não porque podem produzir utilidades. Sendo assim, o autor trabalha dentro de uma chave mais plural do igualitarismo – e não única e reducionista – na medida em que contempla outras variáveis focais, além da renda, para compor o bem-estar e as possibilidades de acessar recursos.

No entanto, esse distanciamento do utilitarismo apontado acima não implica negligenciar a importância da renda/recursos para o bem-estar. As capacidades também dizem respeito à acessibilidade a recursos, isto é, ao quanto de acesso que os indivíduos têm aos recursos, e este acesso, por sua vez, está ligado também a habilidades e talentos que esses indivíduos dispõem – transformando-os em funcionamentos – para acessar novos recursos. Isto é, não dispor de recursos limita a liberdade do indivíduo de “executar” suas habilidades e talentos, de convertê-los efetivamente em funcionamentos que, por sua vez, seriam transformados em novos recursos. Muito embora Sen afirme que a igualdade no espaço da renda não seja suficiente para garantir a igualdade de oportunidades, dada a diversidade existente entre os indivíduos, o autor reconhece que a limitação de recursos cerceia não só a liberdade de escolha para realização de funcionamentos, mas, as perspectivas de futuro, os objetivos tidos como realizáveis e, inclusive, as preferências que os indivíduos alimentam.

Bem, mas se os indivíduos só se apropriam dos funcionamentos através das capacidades e se estas representam aquilo que, para Amartya Sen, deve ser igualado, há que se entender o que significam efetivamente esses conceitos. Podemos identificar como alguns dos mais importantes funcionamentos, estar bem nutrido, ter boa saúde, ser livre para se prevenir de doenças e da morte prematura, força física e mental, ser livre para participar da vida em comunidade, inclusive alguns fatores mais subjetivos como ser feliz ou ter respeito por si próprio. A reunião desses funcionamentos elementares, por isso os mais importantes, é que comporá o “estado” desses indivíduos, a qualidade de seu estado, melhor dizendo, o seu bem-estar. E esses exemplos de funcionamentos que compõem o bem-estar não são apenas importantes para o alcance de uma vida boa, digna, mas são funcionamentos que permitem a realização de novos funcionamentos. São meios que permitem ampliar o escopo de realizações dos indivíduos, que possibilitam a ampliação da liberdade de escolhas.

A capacidade, por sua vez, é uma combinação de vários funcionamentos. É a real liberdade que os indivíduos têm para realizar estes ou aqueles funcionamentos, estas ou aquelas “ações”, configurando a qualidade do “estado” do bem-estar dessas pessoas de acordo com o conjunto de funcionamentos que elas têm capacidade para realizar. A capacidade, portanto, diz respeito à liberdade que a pessoa tem para levar esta ou aquela vida, sendo ela um bom indicador para medir o bem-estar dos indivíduos.

Voltando uma vez mais para a questão do bem-estar, Sen argumenta que viver compreende “estados” e “ações” e que estes são resultado de um conjunto capacitório, ou, em outras palavras, de um conjunto de funcionamentos que se inter-relacionam constituindo o conjunto capacitório que cada um poderá dispor para realizar seus objetivos últimos. Nas palavras do autor

a capacidade é principalmente um reflexo da liberdade para realizar funcionamentos valiosos” e “na medida em que os funcionamentos são constitutivos do bem-estar, a capacidade representa a liberdade de uma pessoa para realizar bem-estar. (Sen, 2001, p. 89)

Ter liberdade para escolher o que se quer realizar, ter liberdade para realizar aquilo que se escolheu como objetivo último corresponde, na argumentação seniana, a ter igualdade de oportunidades. E é nesta chave que este trabalho também se desenvolve e realiza sua leitura de *Linha de Passe*.

Atentemos, então, para as histórias de vida dos personagens do filme. Quais as vantagens e desvantagens apresentadas pelos personagens para converter liberdade em realizações? Por que a desigualdade de resultados tão claramente expressa no filme nos leva a buscar compreender as desigualdades como de oportunidades e, mais especificamente, como de capacidades/liberdade de escolha? O que há de tão peculiar na trajetória de vida desta família da ficção que se torna passível de convertê-la em um retrato da realidade social brasileira? Nestas indagações nos concentraremos agora, buscando, a todo momento, dialogar com os conceitos e argumentação seniana.

De antemão, podemos começar afirmando – com a certeza que a realização de uma interpretação nos dá – que *Linha de Passe* é um filme sobre as desigualdades sociais e isso fica expresso, de imediato, pela escolha do título. Que linha é esta que aparece dividindo trajetórias de vida? E dividindo o quê? O filme começa e termina se valendo de metáforas muito interessantes e expressivas na cultural brasileira, metáforas associadas ao futebol e à religião. Dois “eventos” culturais, dois espaços de sociabilidade específicos representados pelo campo e pela igreja, onde se tem a chance de ultrapassar a linha que demarca o espaço das desigualdades sociais, das limitações de capacidades e passar para o outro lado, para o do objetivo realizável de construção de uma identidade, bem como de ascensão socioeconômica possibilitados pelo futebol, e para o da sublimação das agruras sociais ao se colocar como um irmão, um igual filho de Deus, um irmão que não carece de um “sofá” ou bens materiais para alcançar bem-estar, mas apenas de sua fé. A linha que divide *Linha de Passe* é aquela existente entre desigualdade e igualdade, entre limitação e liberdade de escolha.

Mutatis mutandis, o *passé* de Sales e Thomas representa, em nossa interpretação, a ultrapassagem da *linha* da desigualdade para um espaço potencialmente mais igualitário, o da religião ou o do futebol, que mesmo não extinguindo as desigualdades existentes, as sublimam de alguma forma. O futebol é o objetivo passível de ser realizado e que possibilita inserção social e econômica na sociedade, e a religião, por seu turno, uma alternativa também para abstrair do “reino” das desigualdades, na medida em que todas as coisas (renda, bens de consumo) que desiguam os indivíduos em sociedade, não os desiguam diante de Deus. Mas, voltaremos mais adiante a essas duas alegorias do real.

Concebamos o perfil dos personagens. A começar pela mãe, Cleusa. Empregada doméstica sem carteira assinada, trabalhadora, honesta, moradora da periferia de São Paulo, mãe de quatro filhos e grávida de seu quinto filho, quatro deles, incluindo o que ainda não rebentou, de pais desconhecidos, e um “filho de corno” – como denuncia o caçula Reginaldo – filho do único homem com quem Cleusa um dia se casou. O par antitético de Cleusa na trama é a patroa, médica, moradora de um bairro nobre de São Paulo, que

mora num confortável apartamento e é mãe de um único filho, Bruno que, por sua vez, é estudante. Pensemos nas possíveis desigualdades de oportunidades essas duas mulheres, focando no espaço da liberdade de escolha expressa no conjunto capacitório de ambas, e, como conseqüências, nas desigualdades de oportunidades dentro das quais se desenvolvem as trajetórias de vida de seus filhos.

Sociedades ocidentais capitalistas como a brasileira apresentam uma correlação direta, socialmente construída, cabe ressaltar, entre educação–mérito–renda–bem-estar. Outra correlação importante diz respeito às variáveis renda–pobreza–número de filhos. Pensando por esses prismas quais as desvantagens de Cleusa em relação à patroa, no que concerne ao conjunto capacitório de cada uma delas? Não se tem informação no filme sobre suas histórias progressas ou de seus familiares, apenas sabemos sobre o número de filhos de ambas, sobre o grau de estudo alcançado pela patroa médica. Algumas deduções podem ser feitas mediante análise das desigualdades de resultados, todavia, optamos por partir delas para buscar compreender o que, dentro da lógica a que nos propomos, mensurar o quão desiguais em oportunidades são os filhos de ambas as mulheres da trama.

Bruno, filho da patroa, regula idade com Dario. Estão os dois no fim da adolescência, período em que, em tese, deveriam ter terminado o Segundo Grau e estar ingressando na universidade, haja vista que este é um movimento legal e reconhecido de realizar mobilidade social e econômica em países capitalistas como o Brasil. Dario não mais estuda, e sequer se tem informação sobre a última série que alcançou na escola. Sabe-se, contudo, que nunca trabalhou e que carece de experiência. Bruno pode contar com um conjunto de funcionamentos que se referem ao local de moradia, condições de saúde, alimentação, grau de exposição à violência, acesso à educação – e, supostamente, acesso à educação privada cuja “qualidade” é, no geral, superior àquela oferecida pela rede pública usufruída, muito provavelmente, pelos filhos de Cleusa – para realizar seus objetivos últimos, objetivos estes que, ao serem realizados, serão convertidos em novos funcionamentos que configurarão a continuidade e possível melhora de seu bem-estar. Bruno, em tese, escolheu estudar, mas possui liberdade suficiente para escolher ser jogador de futebol, por exemplo. Dario, diferentemente de Bruno, conta com outro conjunto capacitório que os coloca em lados completamente opostos no espaço da liberdade, os desigualando não só em oportunidades, mas, inclusive, em perspectivas de vida, nos objetivos que tomam como alcançáveis. Este último ponto torna-se de especial importância para nossa interpretação. Quer dizer, para além da diferença relativa ao conjunto capacitório de cada um dos jovens, há que se prestar atenção no rol de oportunidades disponíveis para serem almeçadas e, quiçá, realizadas. Em ambientes onde as escolhas são limitadas – como aquele em que Dario está inserido – aquelas que são passíveis de serem realizadas acabam sendo tomadas como únicas, e perseguidas exclusiva e obstinadamente, como é o caso da “obsessão” de Dario pelo futebol. No entanto, em casos como esses, quando são reduzidas as liberdades de escolha, o são também as próprias perspectivas desses indivíduos acometidos por essa desigualdade, que acabam tendo roubados também parte do sentido de suas vidas, daquilo que há de

subjetivo e que compõe também o seu bem-estar, a sua qualidade de vida.

Um lado ainda mais aterrador da desigualdade de oportunidades que se pode perceber no Brasil, entendendo o filme como um recorte plausível da realidade, é a naturalização da mesma, dificultando não somente sua minoração, mas a própria percepção dela como realidade social. É interessante notar que em dado momento do filme, Cleusa volta-se para Bruno e diz “*vai estudar que seu negócio não é futebol não*”. Fica implícito em seu comentário a assunção de que o rapaz dispõe de liberdade para escolher o que fazer, muito embora ela julgue que ele não tem alguns funcionamentos importantes para se tornar um jogador, a saber, talento e habilidades. Cleusa naturalizou de tal forma as desigualdades existentes entre a liberdade de escolha dos dois jovens, que age como se os estudos fossem funcionamentos pertinentes ao filho da patroa, ao passo que o futebol entrasse no rol dos funcionamentos pertinentes ao filho, que é de um meio social bastante diverso; um meio social no qual faz parte das condições objetivas de existência dos indivíduos que lá vivem realizar mobilidade social e econômica por meio do futebol, e, em menor escala, ou de forma menos expressiva, por meio dos estudos. Mesmo porque a limitação de recursos torna-se um elemento freqüentemente causador da necessidade de abandonar os estudos, sendo estes, em sociedades como a nossa, uma capacidade assaz importante para converter funcionamentos em recursos e bem-estar.

O que há ainda de mais aterrador nesta reflexão é que deter os referidos funcionamentos cuja falta desabilita Bruno para ser um jogador, não é suficiente para fazer de Dario um jogador. Tampouco a falta desses funcionamentos impede Bruno de fazer outras escolhas e converter seus funcionamentos disponíveis em outros objetivos realizáveis. Dario, por outro lado, com todos os *handcaps* de capacidades amealhados ao longo de sua trajetória de vida – que inclui uma família grande chefiada apenas pela mãe, na qual, apenas ela e um dos irmãos compõem a renda da família – teve limitadas suas opções de escolha, tomando como a única opção realizável, objetivamente alcançável, o futebol.

Outro ponto interessante e que merece ser alvo de reflexão é que nada foge completamente às regras e valores que compõem a cultura, o ordenamento social. Um exemplo disso é a frase proferida pelo treinador de futebol quando, assentindo implicitamente em sua fala a sabida desigualdade social brasileira, avisa aos jovens concorrentes a uma vaga de jogador que “*o futebol tem regras, é coletivo, não é como no asfalto não*”. O futebol tem regras. É coletivo. Mas é feito de pernas como as de Dario que podem somente ter liberdade para alcançá-lo. Dario está inserido em uma sociedade cuja ideologia meritocrática “diz” a ele que ele deve correr atrás e se esforçar, pois, feito isto, ele será recompensado. Ele corre, mas corre demais para as regras do futebol. O sistema meritocrático que “justamente” não o recompensa porque ele não dispõe das capacidades valorizadas socialmente para serem recompensadas, em campo, funciona num outro registro, cuja ânsia de abocanhar a única oportunidade que tem à disposição, o faz não decodificá-lo. O futebol é coletivo. E no asfalto, onde as regras “não” o são, ele não detém as capacidades para conseguir um trabalho, haja vista que não tem a experiência requerida para as vagas disponíveis no mercado.

Dario “*não passou na peneira*” do futebol, mas este seria apenas um insucesso como tantos outros porque passam os indivíduos ao longo de suas vidas, não fosse essa peneira a única a que ele teria oportunidade de passar.

Outro funcionamento importante e que compromete a capacidade de Dario de converter funcionamentos em recursos, no caso, se tornar um jogador de futebol, é a renda. Como já fora mencionado anteriormente, embora a igualdade no espaço da renda não implique necessariamente em igualdade de oportunidades, a limitação deste recurso acaba acarretando limitação no usufruto da liberdade de escolha, das capacidades. Nas palavras de Sen, “*a privação relativa no espaço de rendas pode produzir privação absoluta no espaço de capacidades*” (Sen, 2002, p. 179). Houve um momento em que se descortinou uma possibilidade de Dario “passar na peneira”, ao que ficou expresso em frase pronunciada por seu treinador: “*molhou a mão do cara, tá dentro, não molhou tá fora*”. “*Quanto?*” “*Três mil reais*”. Fim da peneira. Mas, ainda assim, ele teve sua chance aos 43 segundos do segundo tempo. Um pênalti. Perdido. O futebol é coletivo, mas foi Dario quem perdeu o pênalti, foi Dario quem “fracassou”, quem perdeu a única oportunidade que lhe fora dada. Fim da peneira. Fim da linha. Perdida a possibilidade de passar para o outro lado da linha; mantida a capacidade de andar.

Andando, andando desesperançosos seguem também os demais filhos de Cleusa. Reginaldo, o mais novo e único da família que estuda, é obcecado pela busca do pai. A ausência do mesmo pode ser tomada, neste caso, como um elemento subjetivo integrante de seu conjunto capacitório que limita a qualidade de seu “estado”, sua felicidade – um funcionamento identificado por Sen. Ainda pequeno e, em razão disso, detento de um rol diferenciado de escolhas possíveis, Reginaldo já começa a delinear sua trajetória de vida quando “escolhe” passar mais tempo em longas viagens de ônibus que na escola. Como algumas regras ainda funcionam no asfalto, a mãe acaba sendo chamada pelo Juizado para explicar suas faltas à escola e se responsabilizar por sua frequência futura. Na condição de criança, muitas das escolhas de Reginaldo, por direito, ainda são feitas pela mãe que, ao escolher não contar ao filho sobre seu pai, contribuiu para alterar sua história de vida, uma vez que o pai (ou a ausência dele) pode ser lido como um funcionamento possível de ser convertido em capacidade. Reginaldo “*carrega o compressor*” e segue dirigindo um ônibus experienciando uma sensação de realização e liberdade que não é vista em nenhum dos personagens de *Linha de Passe*. Ele talvez tenha cruzado a linha, não para um espaço de igualdade, mas para um espaço de inversão de regras onde crianças dirigem ônibus e a igualdade sequer é um código inteligível. Uma outra forma de realizar objetivos é a transgressão das regras sociais.

E é transgredindo as regras sociais que Denis, por exemplo, se vale de alguns funcionamentos como sua moto e a profissão de motoboy para convertê-los em renda, mais especificamente, renda provida do roubo de bolsas e pastas de motoristas no trânsito de São Paulo. Denis é jovem, tem um filho que pouco vê e pouco ajuda no sustento, e também não contribui com a renda de sua família. Sua justificativa para tal reside no fato de

estar pagando a compra de sua moto, seu instrumento de trabalho, seu objetivo último realizável desde que ele consiga ganhar o dinheiro. O trabalho é insuficiente, a conversão do trabalho em renda também o é. No entanto, a mãe de seu filho precisa de dinheiro para comprar remédios para a criança e ele, por sua vez, precisa de dinheiro não somente para pagar a moto, mas para o lazer, incluindo namorar. O lazer pode também ser considerado um funcionamento básico e indicador de bem-estar. Todavia, ao contrário do filho da patroa, este não é um funcionamento facilmente convertido em capacidade pelos filhos de Cleusa. A limitação de escolhas de Denis o leva a escolher roubar. Entrementes, a honestidade se tornara um valor que lhe fora passado pela mãe e que o fez retroceder em sua escolha anterior. Ao desistir do roubo, Denis elucida outra questão muito interessante, a falta de visibilidade social atrelada àqueles mais acometidos pelas desigualdades sociais. Isso fica claro em sua fala desfechada à então vítima do suposto assalto: “*você tá me vendo, playboy? Olha pra mim!*”. Ao que o homem olha. Como resposta, ele segue andando, sem o fruto possível do roubo, sem a moto que ficara perdida no acidente de trânsito, com a mesma desesperança que dá sentido ao andar de Dinho.

Dinho é o filho religioso de Cleusa. “O atleta de Cristo”, assim chamado pelo irmão Reginaldo, expressa uma trajetória emblemática no filme, encerrando no ciclo familiar mais uma crueza implicada aos mais acometidos pelas desigualdades no Brasil, mais especificamente, aos pobres pretos e pardos, o estigma de desonesto, para usarmos uma linguagem modesta. Dinho era branco, mas a condição de pobre foi suficiente como pré-requisito para julgá-lo. Acostumado a ver Denis pedindo dinheiro no posto de gasolina, o patrão de Dinho, muito embora sempre tenha presenciado a recusa do funcionário em dar dinheiro ou mesmo encher o tanque da moto do irmão, ao primeiro sinal de dúvida, não hesitou em tomá-lo por ladrão, desonesto. Diante da retidão do caráter de Dinho e do esforço para se tornar um homem “de bem”, demonstrado por suas preces enfáticas e sua total devoção às causas da igreja e aos preceitos divinos, a dúvida sobre sua ação, seu caráter, o privou de sua razão e o colocou no lugar mesmo que o patrão esperava que ele estivesse, no de um bandido. Mas ele, uma vez mais, procura refúgio na igreja, no espaço de igualdade realizável. O curioso é que este espaço de “igualdade” também funciona dentro de um registro “meritocrático”, na medida em que a responsabilidade pelo “milagre” é individual, depende do tamanho da fé do indivíduo, de seu esforço pessoal. E dependendo do tamanho de sua fé ele será recompensado por Deus e receberá sua graça, seja a possibilidade de voltar a andar – um *handicap* de capacidade – ou demais outras graças. Isto fica claro para Dinho e, neste momento, quando a única opção de escolha que fora dada a ele para, de alguma forma, ainda que no espaço do simbólico, mudar sua trajetória de vida, lhe é “tirada”, sobra-lha o andar tépido, desesperançoso, ostentando ainda um sorriso pálido que se desenvolve sobre a conclusão de que se deve andar, mesmo que seus dias sejam “*como a sombra que declina*” e mesmo que *como a erva* [se vá] *secando*, é preciso andar.

Cleusa, no entanto, não consegue andar. Não porque naquele exato momento careça de renda, mas porque sente forte as dores do parto, está prestes a ter “*mais um filho que*

a gente não sabe nem que é o pai” e encontra-se sozinha em casa, sem ninguém a quem recorrer para pedir auxílio. As circunstâncias individuais que compõem seu conjunto capacitório são: mulher, grávida, mais de quarenta anos. Quanto às circunstâncias sociais: pobre, moradora da periferia, hospital longe de casa, saúde precária, gravidez conturbada por razões trabalhistas, familiares, tóxicas, por fim, desvantagens para se prevenir da morte prematura.

Pode-se ver expresso em *Linha de Passe* o quão acometida pelas desigualdades de oportunidades mostra-se a família de Cleuza; no entanto, o final do filme é memorável no sentido de nos apontar o quanto este “grau” de desigualdade já nos foi naturalizado, e tomado como tolerável. A impassividade e desesperança com que os filhos finalizam o filme nos dá a idéia de que assim, dessa forma, andando, seguindo com a vida, ainda que sem objetivos escolhidos realizados, mas seguindo, andando, as pessoas seguem suas trajetórias de vida, sem causar incômodo suficiente para que a suas situações se convertam em motivos para realização de mudanças e intervenções para minorar as desigualdades. Isso porque, infere-se, o nível de desigualdades a que são submetidos ainda não seja compreendido como intolerável para a sociedade em questão.

Por fim, o filme mostrou-se expressivo por conter muitas famílias dentro daquela que acuradamente retratou. E para estas famílias, já que as oportunidades são desiguais, restam a elas ainda tentar viver a despeito das satisfações realizadas, a despeito dos objetivos alcançados, a despeito do que se pode escolher e não se conseguiu realizar, a despeito do que não se tem liberdade para realizar. No mais, tolera-se o andar, aprende-se a lidar com ele como uma capacidade, como uma escolha possível. Tem-se, ao menos a liberdade de andar.

Referências bibliográficas

- SALES, Walter & THOMAS, Daniela. *Linha de Passe*. 2008.
- SEN, Amartya. *Desigualdade Reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SOLERA, Carlos Rafael Rodriguez. “Sete grandes debates sobre desigualdade social”. *In*: Cattani, Antonio David e Diaz, Laura Mota (orgs.). *Desigualdades na América Latina*. novas perspectivas analíticas. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.